

O legado de Paulo Freire e a Ecologia de Saberes na Formação de Professoras/es Pesquisadoras/es da EJA

Edite Maria da Silva de Faria 

Resumo

O texto toma como referência teórica e metodológica os princípios, pressupostos e concepção de Educação na obra de Paulo Freire. O surgimento de múltiplas vozes vibrantes e o erguimento de governos tidos como populares e democráticos trouxeram novas experiências, novos desafios, sentidos na América Latina (AL) e no contexto brasileiro. Entendemos ser urgente e necessária a ampliação do diálogo a partir de diferentes saberes, dizeres, olhares, ouvires, sentires no atual cenário da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir do aprofundamento dos referenciais freirianos na universidade, nas pesquisas, na formação de professores, nas escolas e para além dela. As questões norteadoras que provocam a reflexão: a Ecologia de Saberes e os estudos teóricos sobre a Interculturalidade podem contribuir para (re)pensar a formação de professoras/es pesquisadoras/es da EJA na Contemporaneidade? Como a dialogicidade, a problematização e a contextualização poderão fundamentar as práticas pedagógicas das utopias aos inéditos viáveis no campo fértil e potente da EJA? A referência singular e protagonista de Paulo Freire no contexto da Educação Popular (EP) contribui para repensar a Educação como elemento determinante no diálogo entre História e cultura. Somos partícipes da mudança e do movimento em múltiplos espaços e tempos e nos refazemos no movimento da própria vida

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Formação de Professoras/es Pesquisadoras/es, Interculturalidade, Ecologia de Saberes, Educação.

Paulo Freire's legacy and the Ecology of Knowledge in the training of Teacher-Researchers in Young and Adult Education (EJA)

Edite Maria da Silva de Faria

Abstract

The text is based on the theoretical and methodological principles, assumptions and education conception found in the works of Paulo Freire. The appearance of multiple vibrant voices along with the raising of a government considered popular and democratic brought new experiences and new challenges that were felt in Latin America and in the Brazilian context. We understand that it is urgent and necessary to expand the dialogue based on different knowledges, voices, listening, perspectives, and emotions in the current scenario of Youth and Adult Education (EJA), through the deepening of Paulo Freire's references in universities studies, research, teacher training, schools, and beyond. The guiding questions that provokes reflections are: can the ecology of knowledge and theoretical studies on interculturality contribute to (re)thinking the training of teacher-researchers in EJA in contemporary times? How can dialogue, problematization and contextualization corroborate in the pedagogical practices from utopias to possible innovations in the fertile and strong field of EJA? Paulo Freire's singular and prominent reference in the context of Popular Education contributes to rethinking Education as a determining element in the dialogue between History and culture. We are active participants of this change and we constantly reinvent ourselves within the movement of life itself.

Keywords: Youth and Adults Education. Teacher-Researchers Training. Interculturality. Ecology of Knowledge. Education.

Introdução

O artigo ressalta a importância do legado do Patrono da Educação Brasileira no cenário educacional da América Latina (AL) e especialmente no Brasil. Neste sentido, nos perguntamos: como o estudo da obra de Paulo Freire contribui para a educação de jovens, adultos e idosos no cenário atual de incertezas e desesperanças? O ponto de partida é reconhecer o desafio da formação de professoras/es, particularmente para aquelas/es que atuam no campo ou na cidade, vinculada à luta pela construção de uma sociedade justa, que respeite e valorize as diferenças culturais.

Nossa reflexão inicial contribui para afirmar a Educação, ao contrário da escolarização, como uma prática diária de relações dialógicas entre as pessoas. É um processo de compartilhamento de saberes e fazeres entre os diferentes sujeitos nele envolvidos. As diferenças são assumidas como base do processo. A Educação, portanto, exige a tomada de consciência de si e do mundo por parte de cada um/a.

Conforme Freire, dessa relação indissociável deve partir o processo educativo, percebendo mulheres e homens como instituintes e instituidores da História. Educar-se, segundo Freire, é um processo que se dá em um contexto histórico, político e ideológico. É um processo impregnado pela cultura de um tempo e de um lugar.

Os movimentos de resistências do campo e das periferias urbanas denunciam preconceitos, injustiças e desigualdades, reivindicando direitos e reconhecimento político e cultural. A Educação como processo contínuo de aprendizagens e vinculado a prática da liberdade, justiça e bem viver é importante quando contribui para que mulheres e homens se tornem mais humanizados para enfrentar a realidade injusta, desigual e perversa em que vivem. Não se trata, no entanto, de qualquer forma de Educação, mas, de uma Educação que se comprometa com a liberdade, desejos, saberes e lutas das pessoas que estão nela envolvidas.

Para Freire (1974), trata-se de uma educação humanizadora, libertadora e crítica, que não existe sem conflitos, pois é seu papel também desmitificar a opressão que há mesmo dentro do oprimido. O papel da educação libertadora é a realização da humanização nos sujeitos nesse processo de reciprocidade e complementaridade.

E o que é tomada de consciência de si e do mundo? Por um lado, é a descoberta das contradições que resultam em processos de opressão entre fortes e fracos, entre ricos e empobrecidos, entre colonizadores e colonizados, entre os que sabem e os que não sabem como acaba fazendo o sistema educacional escolar moderno, desumanizado. Por outro lado, é a descoberta dos mecanismos de opressão em que as pessoas estão envolvidas, ou seja, perceberem a si mesmas no jogo das contradições e pensares.

Daí poderão desenvolver ações que ampliem espaços de desenvolvimento de suas subjetividades no diálogo permanente entre elas (eu e outro). Desse modo, o processo de Educação é antes de tudo emancipador e, por isso, ele começa dentro de cada pessoa. Será que

a educação de jovens, adultos e idosos na Contemporaneidade, com o sentido de aprender por toda a vida, e não somente de escolarizar-se, em múltiplos espaços sociais, responde às exigências do mundo contemporâneo, para além da sala de aula da escola? Será mesmo que, na relação indissociável entre educação-história-cultura, as mulheres e homens são realmente considerados como sujeitos históricos, conscientes e transformadores?

A escola, bem como outros espaços de aprendizagem comprometidos com a Educação como prática da liberdade e da diversidade cultural, ao pensar os seres humanos, como afirmava Freire (1997), como seres inconclusos e inacabados contribuirão para que estes sujeitos se façam cientes dessa inconclusão, incentivando-os para a busca de um devir, do Ser Mais? Educar-se, segundo Freire, é um processo que se dá em um contexto histórico, político e ideológico. É um processo impregnado pela cultura de um tempo, boniteza de saberes e de sonhos de liberdade. Daí a necessidade de estudos e pesquisas no campo da EJA tomando como referência o rico legado de Paulo Freire e as contribuições da Ecologia de Saberes na formação de professoras/es de jovens, adultos e idosos.

Saberes na EJA: das utopias aos inéditos viáveis

Algo que o sonho utópico sabe que existe mas que só será conseguido pela práxis libertadora [...] é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade. FREIRE (1992, p. 11).

No campo educacional é necessário e atual repensar a formação de professoras/es na educação de crianças, jovens, adultos e idosos tomando como legado a rica e ainda viva concepção de participação popular, onde estejam explícitos o engajamento e a esperança num mundo humano e justo, numa sociedade igualitária, no desenvolvimento de mulheres e homens em sua plenitude, formando de fato sujeitos protagonistas, responsáveis e, acima de tudo, livres.

Se qualquer atuação de pesquisa na área das ciências humanas exige sensibilidade e posicionamento político para com os processos de humanização e desumanização vividos pelos sujeitos, aquelas(es) que se dedicam ao campo da formação de professoras/es pesquisadoras/es da EJA carregam em si mesmos e nas investigações que realizam um maior comprometimento e responsabilidade social, política e acadêmica de compreender, interpretar, denunciar, anunciar, refletir e, acima de tudo, conhecer os percursos de vida, saberes, fazeres e conhecimentos produzidos por elas/es.

O fio condutor dessa boniteza toma como base as lutas sociais populares, projetos, sonhos, ações, os inéditos viáveis e a esperança, dando espaço para a Ecologia de saberes, fazeres e valores pela consciência crítica e pela dialogicidade. Freire enfatiza sua convicção sobre a necessidade do sonho e da esperança para fazer cada vez melhor a existência humana, “enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude

histórica”. (FREIRE, 1992, p. 11). Um ponto de discussão importante é conceber a formação docente como campo de luta e reconfiguração para o bem viver, justiça social e a transformação do mundo.

Analisar os limites/possibilidades; laços/embaraços; avanços/retrocessos e reflexos diretos e imediatos na formação inicial e profissional de professoras/es da EJA é foco de estudos e pesquisas no meu fazer docente, especialmente dos desdobramentos do meu estágio pós-doutoral no Programa de Pós- graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED-UEPA) e na produção do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas e Avaliação Educacional – GEPALE BAHIA, no qual sou líder. A questão-problema inicial que norteou a feitura deste artigo foi: como formar professoras/es pesquisadoras/es comprometidas/os com o que ocorre no meio popular, no cotidiano das periferias das cidades, dos campos, enfim envolvidos na prática da Educação Popular (EP) tomando como referência a Ecologia de Saberes?

Ainda há muito por fazer, os entraves são imensos. Apesar da luta histórica do movimento das professoras e professores e de suas instituições representativas observamos a perpetuação de políticas de governo e não de Estado, que somente fragmentam as ações e dificultam o reconhecimento do protagonismo desses sujeitos na formulação de políticas para formação de professoras/es pesquisadoras/es. Um tópico importante é a precarização e (des)profissionalização docente no campo da EJA.

Nesse contexto, a Universidade desempenha um papel significativo dentro da sociedade através da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Esses pilares são de extrema importância para a permanente produção científica, estabelecimento de elos e intensificação de diálogo entre o contexto acadêmico e os diversos segmentos que constituem a sociedade. Na formação de professoras/es pesquisadoras/es na Contemporaneidade não podemos deixar de lado as (inter) conexões, as experiências, os percursos humanos e formativos, os saberes, fazeres e dizeres da prática docente comprometida com humanização que resiste à precarização e (des) profissionalização.

As limitações na formação dificultam a participação nos debates globais, consequência da falta de reflexão, criticidade e principalmente tomada de atitude que vise a transformação social. A universidade, escola e os outros espaços de aprendizagem que atendem aos sujeitos populares precisam configurar-se em espaços sociais de reciprocidade, de sociabilidade, de confiança, de convivência e de respeito para aqueles que são aceitos socialmente; além de espaço para aqueles que são constantemente desumanizados, explorados e discriminados pelo trabalho, pela privação de direitos básicos e por suas condições de existência, e, enfim, espaços de participação daqueles que são frequentemente condicionados tão-somente a cumprir ordens.

Um dos desafios da educação brasileira no contexto capitalista marcado pela exclusão, injustiça e desigualdade, às quais colocam a maioria da população em situação de desemprego, exploração e miséria, é compreender qual o perfil docente numa sociedade em contínua transformação. Mesmo com todas as pesquisas, estudos e avanços, a formação de professoras/es da EJA ainda acontece muitas vezes de forma descontínua, aligeirada, descontextualizada e precarizada. Um ponto de discussão importante é conceber a formação docente como campo de luta e reconfiguração.

Nessa perspectiva é essencial compreender os dilemas atuais, seus aspectos históricos, econômicos, sociais, políticos, culturais, organizacionais, nos quais se dá sua atividade docente, como condição para nela intervir; analisando a história de vida destes profissionais, a precária formação, sua prática docente cheia de desafios e conhecimento no processo formativo realizando mediação entre os significativos saberes da docência no mundo atual e daqueles contextos nos quais foram produzidos.

Assim, entendemos que faz-se necessário analisar os percursos humanos e formativos desses sujeitos e o papel das práticas culturais. Fazer reflexões sobre a articulação entre o que é único e o que é múltiplo, entre o que é global e o local. Corrobora, nessa linha de pensamento, a perspectiva da Ecologia de Saberes, que se funda na premissa de que “não há conhecimento em geral; tampouco há ignorância em geral. Somos ignorantes de certos conhecimentos, mas não de todos” (Santos, 2011b, p. 52). Assim como Freire (2005, p.76), a boniteza de sua coerência, instiga em nossas pesquisas, estudos e práticas que “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. Somos partícipes da mudança e do movimento em múltiplos espaços e tempos. Somos sujeitos do inacabamento e com ele nos refazemos no movimento da própria vida.

Como salientamos anteriormente, a maioria de professoras/es de EJA ainda carecem de formação adequada e específica, além de não possuírem concretamente as ferramentas capazes de gerar um processo educativo transformador e emancipatório na vida dos sujeitos. Certamente seus percursos não são lineares, fáceis, superficiais, sem significados políticos e sociais. Ao contrário, são trajetórias que desafiam a desvelar/desvendar os seus percursos humanos e formativos, suas pluralidades, dimensões, fronteiras, táticas e estratégias de resistências de ser professora/o. Ou, nas palavras de Freire (1991, p. 58) “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

Como a Ecologia de Saberes e os estudos teóricos sobre a Interculturalidade podem contribuir para repensar a formação de professoras/es pesquisadoras/es da EJA na Contemporaneidade? O desafio será formar professoras/es pesquisadoras/es que entrarão no processo pedagógico gerando novas relações com os educandos? A referência singular e

protagonista de Paulo Freire no contexto da Educação Popular (EP) contribui para repensar a Educação como elemento determinante no diálogo entre História e cultura.

A educação intercultural crítica na visão de Paulo Freire pressupõe na ação educativa aceitar e respeitar as diferenças, que implica no escutar o outro, assim como, o reconhecimento de suas identidades culturais, que ocorrem em um contexto social e histórico. O respeito ao outro implica no “respeito pela linguagem do outro, pela cor do outro, o gênero do outro, a classe do outro, a orientação sexual do outro, a capacidade intelectual do outro” (FREIRE, 2001, p. 60).

Assim, uma educação decolonial reconhece e valoriza os sujeitos e os saberes das culturas historicamente negadas, considerando existir uma episteme no saber dos sujeitos dessas culturas e promove a interculturalidade por meio do diálogo entre as culturas. Afirma, também, o direito ao conhecimento e à educação dos segmentos sociais historicamente negados e silenciados.

Anuncia Freire (1980) o descolonizar as mentes e dos saberes dominantes, por meio de outra concepção de educação, cujos pressupostos são de uma pedagogia crítica, dialógica, intercultural e decolonial. Educação dialógica, crítica e democrática, que possibilite superar a prática educacional colonialista que impõe sobre o educando uma ordem que o acomoda e não lhe permite elaborar um pensar autêntico. Importante ressaltar que não existe a culpabilização docente, pelo contrário, professoras/es na maioria das vezes são vítimas da prática educacional colonialista.

O reconhecimento do outro implica em outras epistemologias e pedagogias, envolvendo outros discursos e práticas pedagógicas outras que se configurem em práticas de resistências ético-políticas e culturais (ARROYO, 2014) pedagogias críticas, inclusivas e humanizadoras. Pedagogias pensadas e enraizadas nas histórias das culturas silenciadas, impregnadas de pelejas e bonitezas.

Educação Popular e a Perspectiva Intercultural na EJA: primeiras aproximações

Há quem passe uma vida sem sair da sua mesma margem do rio. Há quem ouse saltar de uma para a outra e viva a sua vida entre uma e a outra. Há quem se decida ousadamente ‘mudar de margem’ e, assim, sair de seu mundo e ir viver e atuar no outro. Carlos Rodrigues Brandão.

A educação de pessoas jovens, adultas e idosas é um campo político e de construção social coletiva e carrega consigo o rico legado da EP. Constituiu-se como um campo de complexidades e, por isso, necessita de (re)definições e posicionamentos coerentes no atual contexto brasileiro. O fato de ainda vivermos, em pleno século XXI, num país em que milhões e milhões de mulheres e homens não (com)partilham do direito e da beleza que é ler e escrever

provoca uma reflexão sobre o lugar que a cultura desses sujeitos ocupa na História. Na perspectiva freiriana:

A cultura não é só a manifestação artística e intelectual que se expressa no pensamento. A cultura manifesta-se, sobretudo, nos gestos mais simples da vida cotidiana. Cultura é comer de modo diferente, é dar a mão de modo diferente, é relacionar-se com o outro de outro modo. A meu ver, a utilização destes três conceitos – cultura, diferenças, tolerância – é um modo novo de usar velhos conceitos. Cultura para nós, gosto de frisar, são todas as manifestações humanas, inclusive o cotidiano e é no cotidiano que se dá algo essencial: o descobrimento da diferença (FAUNDEZ; FREIRE, 1985, p. 34).

Em diferentes países da América Latina, África, Ásia e Europa sua influência se faz presente. As contribuições dos seus princípios, pressupostos e seu pensamento são hoje valorizados mundialmente e constituem uma das referências significativas em buscas de (re)construção de propostas educativas que tenham presentes diálogos entre diversos saberes e fazeres, articuladas as demandas, anseios e diferentes contextos socioculturais.

Freire destaca a importância da ética e de uma cultura da diversidade, especialmente nos seus livros escritos nos anos 90, a temática da identidade cultural ganha relevância, assim como o da interculturalidade. Ele enfatiza ainda mais o papel da cultura nos processos educacionais e a dimensão cultural nos processos de transformação político e social. Além de reforçar seus argumentos em defesa de uma educação libertadora que respeite a cultura e as experiências e saberes dos sujeitos.

Na América Latina, a EP nos anos de resistência aos regimes militares e no período da transição à democracia, teve uma natureza essencialmente sociopolítica, porque ela era um instrumento de mobilização e organização popular. Atualmente ela tem o desafio de reconstruir-se de um jeito novo de fazer política no cotidiano, questionando, resistindo e desafiando, de alguma forma, a ordem dominante vigente no continente. É no cenário de lutas, conflitos e buscas que a perspectiva intercultural precisa ser pautada no cenário educacional na AL, especialmente no contexto brasileiro tão diverso e potente em possibilidades de utopias insurgentes e inéditos viáveis.

Vale ressaltar que a construção dos estados nacionais na AL ainda provoca resistências e insurgências contra o processo latente de “uniformização e homogeneização cultural” através da concepção de educação escolar alicerçada unicamente na cultura comum eurocêntrica e de base ocidental que procura silenciar vozes vibrantes e apagar e/ou inviabilizar saberes e fazeres ancestrais através das diferentes manifestações da discriminação racial e cultural presentes nas sociedades latino-americanas.

Algumas práticas culturais compõem mecanismos e estratégias pelos quais um determinado sujeito, segmento e/ou grupo tenta impor e incorporar seus conhecimentos, valores, crenças e suas concepções de mundo e sociedade impondo e oprimindo os demais. Assim as alteridades e diferenças são invisibilizadas e nega-se dos sujeitos a possibilidade de

mostrar sua maneira própria de ser e (re) existir no mundo. Daí a importância da Interculturalidade como um dos componentes centrais dos processos de transformação das sociedades latino-americanas, assumindo um caráter ético e político, orientando à (re)construção e/ou fortalecimento de democracias, imprescindíveis para a efetivação da justiça social. Essa contribuição será validada, especialmente na transformação das relações sociais predominantes, que provocam as desigualdades econômico-sociais e as exclusões histórico-culturais.

A educação configura-se como componente decisivo no diálogo entre história e cultura. O aprender por toda a vida faz homens e mulheres serem sujeitos da História, humaniza-os, potencializa suas condições de sujeitos pensantes, que interferem e transformam, com seu agir, o seu cotidiano, o seu lugar, o mundo. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 1998, p. 58)

Na Contemporaneidade a EP tem como um dos desafios, não perder o sentido de sua “missão”, que é gerar sujeitos políticos, críticos e emancipados. Portanto, analisar os valores e criar suportes metodológicos que combinem o cognitivo e o afetivo; as aprendizagens significativas, com as aprendizagens vinculadas à vida cotidiana, ou seja, ao saber popular potente e vibrante, é o fazer requerido por esse modo de pensar a educação vinculada às novas tendências sociais, políticas e pedagógicas.

A EP tem-se desenvolvido em relação às práticas educativas dos movimentos sociais na AL que lutam para articular a Educação a defesa da democracia, aos cuidados de saúde, condições dignas de trabalho, às exigências de ter uma casa, à posse de terra e direitos básicos, nas periferias das cidades e no campo. Então, a característica distintiva de quaisquer atividades que se considerem educativas e a sua qualidade acadêmico-social será identificada na contribuição que forem capazes de oferecer para o crescimento humano integral de trabalhadores e trabalhadoras por conta própria, empregados, desempregados, todos reconhecidos enquanto sujeitos históricos e sociais.

(Inter) conexões de Saberes na EJA: relatos de experiências e vivências em ação

O ano de 2021 marcou o centenário de nascimento do educador Paulo Freire e coloca em evidência sua vida e obra, convidando à crítica, reflexão e releitura de seus fundamentos epistemológicos e metodológicos.

Diante desse cenário, o Departamento de Educação do Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), de Conceição do Coité do Território do Sisal da Bahia em articulação com Grupo de Pesquisa Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional

GEPALE BAHIA vinculado ao Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). contribuiu com a efetivação de um curso de aperfeiçoamento intitulado "O legado de Paulo Freire e a Ecologia de Saberes na EJA" para pessoas que atuavam direta e/ou indiretamente com os sujeitos da EJA.

A coordenação do curso foi colegiada entre a Profa. Dra. Edite Maria da Silva de Faria, professora adjunta da UNEB e Professora Permanente do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) e a Profa. Mestra Sarah Teles de Oliveira, analista universitária, do Núcleo de Pesquisa e Extensão - NUPE/DEDC/CAMPUS XIV/UNEB. Na equipe executora contamos com Estefane Mendes da Silva, Bolsista de Extensão, graduanda do curso de Letras Vernáculas do DEDC/CAMPUS XIV/UNEB. Vale destacar a presença de pesquisadores do GEPALE-BA, MPEJA e discentes da graduação do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) da UNEB no desenvolvimento do curso de aperfeiçoamento.

No total de 65 cursistas, de vários territórios da Bahia e mais 5 (cinco) estados brasileiros. Traçando o perfil dos cursistas observamos que a faixa etária entre 20 e 60 anos aproximadamente 58,5% são negros, 80% se identificam com o gênero feminino, 29,2% possui graduação completa, 72,3% são militam em movimentos sociais populares e 50% atuam na EJA.

Vale destacar que mesmo acontecendo pela Plataforma TEAMS o curso não teve descontinuidade, pelo contrário foi dinâmico e movente de belezuras e aprendizagens extraordinárias através da ecologia de saberes, do compartilhamento de saberes, fazeres e dizeres diversos. Mesmo diante da “pandemia pandemônio” conseguimos a presença presente dos cursistas, ressaltando que no período do curso entre os meses de agosto a novembro muitos cursistas perderam pessoas queridas. O nosso lema era “O luto é luta!” Um dos objetivos principais foi alcançado reconhecer a pesquisa como campo formativo e a necessidade de estabelecer articulação de redes de estudos e pesquisas sobre o legado de Paulo Freire no campo da EJA para novos pesquisadores no cenário atual, correlacionando as vivências e experiências dos cursistas com princípios e pressupostos a educação como prática da liberdade e humanização.

No curso de extensão com carga horária de 180h distribuídas em encontros com 02 horas/aula, os sujeitos expressaram o desejo e a necessidade de se apropriarem de um embasamento teórico-metodológico que fundamentasse a proposta de pesquisa/ intervenção nos diferentes espaços de aprendizagem através da elaboração e implementação de propostas pedagógicas emancipatórias e humanizadoras.

Do ponto de vista metodológico, a referência foi a dialogicidade, a problematização e a contextualização. Nesse sentido, diferentes procedimentos metodológicos foram vivenciados: elaboração de sinais de leituras dos textos e temas discutidos em cada Ciclo Formativo, realização de “rodas de conversas”, aprofundando determinada temática sempre

escolhida pelos cursistas. Abaixo estão os ciclos formativos: I CICLO FORMATIVO: O Legado de Paulo Freire e a Interconexão da Educação Popular com a Educação de Jovens e Adultos; II CICLO FORMATIVO: A Ecologia de Saberes e a Universidade dos Movimentos Sociais (UPMS); III CICLO FORMATIVO: Percursos Formativos na EJA: Pedagogia do Oprimido e Teatro do Oprimido em construções autobiográficas; IV CICLO FORMATIVO: A Cultura Popular e a Saúde; V CICLO FORMATIVO: Agroecologia, Campesinato e Educação Popular; VI CICLO FORMATIVO: O Sujeito Amoroso, Político e Epistemológico em Paulo Freire; VII CICLO FORMATIVO: Outros sujeitos, outras pedagogias: Enegrecer a prática pedagógica da EJA.

O curso possibilitou um espaço de (inter) conexões de conhecimentos, aprendizagens, sistematização das experiências e inéditos viáveis nas pesquisas e práticas quem envolvem a EJA e resultou na proposta de construir um acervo (*e-book*) a partir das vivências e experiências dos cursistas correlacionando-as a obra e legado de Paulo Freire.

Neste sentido, o curso foi destinado para quaisquer pessoas que se interessem pelo debate da temática. A duração foi de 180h e tivemos a participação de pessoas de vários territórios da Bahia e diferentes regiões brasileiras. Do ponto de vista metodológico a referência foi a dialogicidade, a problematização e a contextualização. Os encontros foram semanais com carga horária de 02 horas/aula e utilizamos a Plataforma *Teams* como espaço para as discussões. Uma contribuição do curso foi a articular redes de estudos e pesquisas sobre o legado de Paulo Freire na EJA, correlacionando as vivências e experiências dos sujeitos que participaram do curso de aperfeiçoamento.

Ao longo dos encontros a Educação Popular (EP) foi potencializada, demandando novos debates e aprofundamento das reflexões. Em cada ciclo formativo as aprendizagens foram significativas, especialmente na valorização dos saberes culturais na construção dialógica e libertadora. Nos relatos dos cursistas durante os encontros percebemos novas possibilidades de investir no processo de emancipação desses sujeitos. Assumimos o legado do Paulo Freire através da EP para a construção de práticas pedagógicas emancipatórias durante todo o curso.

A educação é a prática permanente da liberdade. Portanto, a educação é sempre um processo inconcluso, pois ela se torna um contínuo exercício de encontro e diálogo entre os indivíduos diversos, sempre em busca do horizonte da humanização. Desse modo, Freire (1967) nos ensina que "Ninguém educa a ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". Discutimos durante as vivências e experiências que um dos desafios da educação brasileira, em contexto capitalista marcado pela exclusão, injustiça e desigualdade, às quais colocam a maioria da população em situação de desemprego, exploração e miséria, é compreendermos qual o perfil do educador popular numa sociedade em contínua transformação que passa por retrocessos e descasos diante do "Estado Desertor".

As demandas e anseios dos cursistas foram o ponto de partida para o diálogo e desenvolvimento do planejamento do curso, especificamente para os que atuavam na Educação Básica. Isso significou construir com eles e não para eles.

A educação de crianças, jovens, adultos e idosos no cenário contemporâneo exige dialogicidade, problematização e contextualização na elaboração e implementação de propostas pedagógicas emancipatórias e humanizadoras nos diferentes espaços de aprendizagem.

Os sujeitos pertencentes aos setores populares, tanto do campo como na cidade, não tiveram acesso ainda às políticas educacionais, na medida do necessário e do direito, tampouco elas foram capazes de satisfazer seus anseios, demandas e necessidades educacionais.

Esses sujeitos carregam consigo uma das duas marcas principais em relação à educação pública: de um lado, a negação de acesso à escola e, de outro, a exclusão prematura do processo escolar, consequência de inserção precoce no trabalho e da luta pela própria sobrevivência, ou até mesmo pelo fato de a escola utilizar mecanismos que reforçam a desigualdade e a exclusão no seu interior, expulsando-os de um processo perverso e mal iniciado de escolarização.

Considerações Finais

Muitas reflexões e questionamentos permanecem em aberto após o relato de experiência do curso de aperfeiçoamento. A escrita aqui compartilhada brota do trabalho solidário e coletivo, do encontro de pessoas, ideias, saberes, fazeres, sonhos e também da resistência dentro de educadores populares que estudam e com vozes vibrantes defendem a EJA como direito e consideram os jovens, adultos e idosos como sujeitos de possibilidades mesmo que vivam historicamente na escassez de direitos, especialmente a viver na sua plenitude.

Então, a característica distintiva das atividades desenvolvidas durante todo o curso contribuiu significativamente para o crescimento humano integral dos cursistas e também para a equipe executora. Nos reconhecemos enquanto sujeitos históricos e sociais capazes de aprender de forma coletiva e exercitar o UBUNTU (sou porque somos).

Conforme Freire, dessa relação indissociável deve partir o processo educativo, percebendo homens e mulheres como instituintes e instituidores da história. Educar-se, segundo Freire, é um processo que se dá em um contexto histórico, político e ideológico. É um processo impregnado pela cultura de um tempo e de um lugar.

Como se processa ou como deveria ser a formação de educadoras/es populares para atuar nas escolas públicas e nos diferentes espaços de aprendizagem que atendem os sujeitos populares? Nessa perspectiva, os problemas concretos das escolas e dos diferentes espaços de aprendizagens são tomados como foco de investigação e intervenção. Daí a necessidade de

continuar no estudo e pesquisa no campo da EJA tomando como referência o legado de Paulo Freire e as contribuições da ecologia de saberes na formação de educadoras/es populares

O Ensino Superior necessita cada vez mais articular-se com outros níveis de ensino público (fundamental e médio), buscando assegurar a qualidade e a democratização da universidade pública. Sendo assim, deixará de ser espaço de exclusões raciais, culturais e sociais. O espaço da aprendizagem ampliou-se, a escola ainda que seja a instituição validada pela sociedade como espaço de socializar o conhecimento sistematizado, não é mais a única responsável pelo processo de formação educacional do homem.

Diante da negação de direitos, os sujeitos utilizam estratégias e táticas materializadas por meio de resistência, revolta e organização para resistir aos contínuos e constantes mecanismos políticos, educacionais, sociais e econômicos que negam seus direitos. A luta social também educa, não apenas a escola o faz.

Nesse contexto, a educação escolar popular de crianças, jovens, adultos e idosos, na medida em que afirma a igualdade de todos como sujeitos de direitos, quebra a lógica de que uns são mais valiosos do que outros. E reforça a necessidade da luta contínua contra as injustiças e o da indignação diante da barbárie.

A formação de professoras/es vai além da questão técnica, é acima de tudo possibilitar a esses caminhos para conciliar as dimensões: humana, política e pedagógica do saber fazer da sua profissão. Essas dimensões não se excluem mutuamente, muitas reflexões permanecem em aberto após a feitura deste texto, tornando-se assim campo fértil para novas discussões e reformulações. A conscientização é, portanto o desenvolvimento crítico da tomada de consciência; é a consciência que se aprofunda via imersão reflexiva na realidade de si, do outro, do mundo, em um processo dialético, complexo e transformador.

Buscamos no artigo destacar a importância da Educação Intercultural na AL e no Brasil, tomando como gênese os princípios e pressupostos de Paulo Freire no processo de formação de professoras/os pesquisadoras/os do campo da EJA, a partir da Ecologia de Saberes.

A perspectiva intercultural no âmbito educativo não pode ser reduzida a uma mera incorporação de alguns temas no currículo "engessado", e descontextualizado e no calendário escolar fragmentado e linear. O que está em questão atualmente, quando aprofundamos o debate sobre a interculturalidade na AL e especialmente no Brasil é a própria possibilidade de diálogo entre diferentes saberes, fazeres, dizeres e a afirmação de uma ética na qual as diferenças culturais, a justiça, a solidariedade e a capacidade de construir coletivamente se articulem.

A escola, bem como outros espaços de aprendizagem, ao pensar os seres humanos, como afirmava Freire (1997), como seres inconclusos e inacabados contribuirá para que estes sujeitos se façam cientes dessa inconclusão, incentivando-os para a busca de um devir, do ser

mais. Educar-se, segundo Freire, é um processo que se dá em um contexto histórico, político e ideológico. É um processo impregnado pela cultura de um tempo, um lugar e de sonhos de liberdade.

Referências

- ALVES, N. **“Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas”**. In OLIVEIRA, I. B. e ALVES, N. (orgs.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ALVES, N. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Org. A. M. A. Freire São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- SANTOS, B. de S. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”.
- CANDAUI, V. M. (Org.). Interculturalizar, Descolonizar, Democratizar: uma educação outra? Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- CANDAUI, V. M. (Org.). Pedagogias Decoloniais e Interculturalidade: insurgências. Rio de Janeiro: Apoenia, 2020.
- FARIA, E. M. da S. de. **A luta social ensina: o direito à educação na vida de mulheres e homens sisaleiros - Assentamento Nova Palmares – Conceição do Coité**. 2014. 209 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.
- FARIA, E. M. da S. de.; PAIXAO, Jones Cesar ; LEITE, Gildecil de Oliveira; SANTOS, Nitevaldo Eloi dos; SANTOS, Jean Carlos Barbosa dos. **Formação docente na EJA e as questões étnico-raciais: as contribuições de Paulo Freire**. Paulo Freire em diálogo com a educação de jovens e adultos. Salvador: EDUFBA, 2021.
- FARIA, E. M. da S. de.; MELO, Kátia Simone Filardi. O Legado de Paulo Freire e o Sonho da Liberdade. In: **Diálogos com Paulo Freire: para entender e mudar o mundo: 100 anos de um educador**. Cristiano Goldschmidt; Liana Borges. (Org.). 1ed. Veranópolis, 2022, p. 171-182
- FARIA, E. M. da S. de.. O percurso formativo dos discentes/professores do Parfor: entre a precarização e a profissionalização docente. In: **Parfor/Uneb 12 ANOS: registros de uma trajetória compartilhada**. Mônica Moreira de Oliveira Torres; Ivonete Barreto de Amorim; Sandra Célia Coelho Gomes da Silva.. (Org.) Curitiba: Casa Editorial, 2021.
- FARIA, E. M. da S. de.; BARROS, Abdzia Maria Alves; SILVA, Eduardo Jorge Lopes da; TORRES, Maria Erivalda dos Santos; SILVA, Marlene Souza. Forúms de EJA do Nordeste: espaço de luta, resistência e afirmação dos direitos dos sujeitos por educação. In: **Paulo Freire: 50 anos da pedagogia do oprimido**. Andre Gustavo

- Ferreira da Silva; Fernanda da Costa Guimarães Carvalho. (Org.) Recife: Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo.; SHOR, I. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 4. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- OLIVEIRA, I. de A. de. Paulo Freire: gênese da interculturalidade no Brasil. Curitiba: CRV, 2015a.
- OLIVEIRA, I. de A. de; SANTOS, Tânia (Org.) Cartografia de saberes: representações sobre a cultura amazônica em práticas de educação popular. Belém: EDUEPA, 2007
- OLIVEIRA, I. de A. de (Org.) Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. 2 ed. Belém: EDUEPA, 2008.

Biografia Resumida

Edite Maria da Silva de Faria: Professora Adjunta do Departamento de Educação- Salvador, Campus I da Universidade do Estado da Bahia em regime de Dedicação Exclusiva (DE). Professora Permanente do Mestrado em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA)/UNEB, vinculada a Área de Concentração 2: Formação de Professores e Políticas Públicas. Mulher, negra, nascida no campo. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mestrado (2008) e doutorado (2014) em Educação e Contemporaneidade pela UNEB. Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED-UEPA). Membro da Coordenação Colegiada do Fórum Regional de EJA do Território do Sisal da Bahia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Avaliação Educacional (GEPALE) Bahia, vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação do Campo e Contemporaneidade do PPGEduC/UNEB e pesquisadora do Grupo de Pesquisa GEPALE-UNICAMP. Pesquisadora associada a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) membro do GT18-Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Participa da Universidade Popular

dos Movimentos Sociais (UPMS). Curadora do Café com Paulo Freire Bahia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5270482460958329>

Contato: edmsilva@uneb.br